

1

ARIANNA

A viagem até Oceanside é normalmente tranquila, mas o meu irmão, o Mason, e os seus dois melhores amigos, o Chase e o Brady, chegaram a um acordo tácito ontem à noite que «mais uma» significava nova grade de doze cervejas. Por isso, ficaram cá fora, perdidos de bêbedos, a despedirem-se dos colegas de turma na última festa de verão na nossa cidade natal.

Eu e a minha amiga Cameron já sabíamos que não devíamos festejar muito na noite anterior a uma viagem, por isso fomos para casa cedo, acabar de fazer as malas para a última ida à praia antes do início da vida universitária.

Uma viagem que não *devia* ter demorado mais de três horas e meia, mas já andamos neste maldito SUV há cinco. Aprendemos que as longas viagens com homens arrapazados amuados e ressacados não são divertidas, porém, aqui estamos nós outra vez, recetivas, se bem que ligeiramente irritadas com a experiência «quantas vezes é que um homem tem de parar para mijar».

A resposta é sete. Já parámos sete vezes graças à bexiga de bebé do Brady.

Pelo menos, parece que eles ficaram mais sóbrios nos últimos quinze minutos, deixando-nos pôr a música alta o bastante para a podermos ouvir.

Sinceramente, não me deveria queixar.

As viagens de carro em grupo são praticamente a única altura em que consigo fingir inocência quando me inclino um pouco mais para o protagonista das minhas fantasias, mais conhecido por «o melhor amigo do meu irmão». «Brinca, mas não abuses» é o jogo com que tenho de contentar-me e confesso que possuo imenso jeito para isso. Provavelmente porque tive seis anos para o dominar.

No dia em que o Chase e a família se mudaram para o outro lado da rua, vi-o primeiro *a ele*. Foi como se um carimbo invisível lhe tivesse aparecido na testa, um grande rótulo vermelho a gritar *meu*.

Claro, eu estava no terceiro ciclo, mas já vira o filme *O Rapaz da Porta ao Lado*. Compreendia o poder da obsessão, e a minha desencadeou-se assim que lhe pus a vista em cima. Esta não era assassina, e assistir àquele filme deu-me objetivos duros e inalcançáveis no que toca ao meu corpo, mas tal não vem ao caso.

O Chase Harper chegou ao bairro e eu achei por bem mostrar-lhe as redondezas, por isso travei a minha bicicleta à beira do relvado para chamar a sua atenção.

Assim que o aparelho dos dentes dele me sorriu do outro lado da entrada, o meu irmão gémeo apareceu do nada, algo em que ele é indecentemente bom.

O Mason correu para ele, atirou-o ao chão e, quando se levantou, disse ao Chase uma frase em que eu, às vezes, gostaria que se engasgasse. Rosnou:

— Não te metas com a minha maninha!

Horrorizada, observei o Chase pôr-se de pé e, literalmente, mais parecia uma espécie de macaco-aranha. Sustive a respiração, preparando-me para a briga que desconfiava vir por aí — sim, o meu irmão era conhecido por dar cabo de qualquer miúdo quando se tratava de mim —, mas depois o Chase riу-se e todos nos calámos.

O rapaz de cabelo castanho e olhos verdes virou-se para o meu irmão com relva na boca, um sorriso velado, e perguntou ao Mase qual era equipa de futebol em que ele jogava, pois queria inscrever-se numa.

Eu bufei e virei costas, porque sabia que, graças àquela pergunta, o Mason e o Brady passavam a ter um novo melhor amigo, e eu ficava, mais uma vez, censurada a vermelho, com um círculo invisível pintado nas costas.

Em cinco minutos, o duo do meu irmão transformou-se num trio e a nossa casa passou a ser o poiso preferido. Até então, nunca tinha percebido a história do fruto proibido: não ter uma coisa só nos faz desejar-la mais.

É um monte de tretas, a meu ver.

Infelizmente para mim, ninguém percebia. Resultado, deixei-me ficar, obrigada a ver os atletas do terceiro ciclo passarem a jeitosos do secundário.

Todas as raparigas queriam uma dentadinha, mas quem as podia censurar?

Eram alunos exemplares, atletas famosos e vilões disfarçados. Qualquer que fosse o tipo de rapariga, um dos três era de certeza o ideal.

Gosto de dizer a brincar que eles são variantes de Dwayne Johnson, já que ele parece sempre diferente, mas em grande forma, independentemente do papel. O Brady seria sem dúvida a versão da WWE.

Não, a sério, todos foram dotados de bons genes. O Mason, o meu gémeo superprotetor, é alto e elegante, e poderia ser duplo de um Theo James ligeiramente mais novo. O Brady é um boneco Ken cheio de volume, e o Chase, convenhamos, representa o epítome da perfeição.

Infelizmente para mim, *todas* as raparigas concordam.

Ele tem a mesma altura e constituição física do Mase, porém, o cabelo castanho é um pouco mais claro. Os olhos, vivos e otimistas, são uma mistura de relva e algas marinhas. É gentil, forte e confiante. Quase tão mandão como o Mason e o Brady, mas, do trio, é o único que, volta e meia, nos dá algum desconto a nós, raparigas.

Convenci-me de que é a forma de se diferenciar do irmão mais velho protetor e do homem com olhos e desejos escondidos, mas sou famosa pelo meu otimismo.

Nove em cada dez vezes, estou a pensar no homem ao meu lado.

É o cliché mais antigo dos livros. Trocado por miúdos: querer quem não se pode ter. Amor não correspondido pelo melhor amigo do irmão, um irmão ferozmente protetor e, sim, assumidamente psicótico quando se trata daqueles de quem gosta. Mas ele não consegue evitar. Assim que tivemos idade suficiente para saber que o meu pai tinha ficado sem a irmã mais nova, Mason fez sua a missão de seguir todos os meus passos. Se juntarmos a isso a morte do namorado da nossa amiga Payton, umas semanas atrás, é um verdadeiro manancial de paranoias.

O facto de o Chase ter apagado durante a maior parte da viagem de carro, hoje, provavelmente salvou-me de uma dúzia de olhares pelo espelho retrovisor. Tenho quase a certeza de que é por isso que o Mase insiste que eu me sente no meio sempre que andamos juntos, para que possa estar sempre de olho em mim.

É amoroso que o meu gémeo leve o papel de «mano mais velho» tão a sério.

O que não deixa de ser também deveras irritante.

Se não nos tivéssemos desviado do objetivo esta manhã, teríamos chegado à cidade por volta das onze, mas aqui estamos nós, a subir a longa entrada da casa de praia, quando falta um quarto para a uma.

O Mason mal tem tempo de estacionar o *Tahoe* antes de a Cameron abrir a porta e saltar para fora. Ela corre até meio dos degraus e gira sobre os pés descalços, estendendo os braços com um sorriso.

— Vá lá, malta! O tempo está a passar!

— Temos o resto do mês! — grita o Mason pela janela aberta.

— E perdemos metade do dia! — riposta a Cam.

Sorrio, dando uma palmadinha no ombro do meu irmão.

— Vá lá, Mase, já perdemos meio dia. — Trata-se de uma provocação, e o mano resmunga quando saio do carro atrás da Cameron pelo terraço que dá a volta à casa.

A Cameron sorri, salta para se sentar na borda do corrimão, e vou ter com ela; o Brady sobe no segundo seguinte.

— Isto é de loucos! — A Cam abana a cabeça, observando o recinto.

— Porra, é mesmo. — O Brady contempla o oceano com um sorriso.

Passos pesados atrás de nós indicam que os outros dois se aproximaram, e damos meia-volta.

Ficamos os cinco ali parados um momento, aspirando silenciosamente a maresia, enquanto olhamos para a janela panorâmica da casa de praia.

Da nossa casa de praia, desde há um mês.

A minha mãe, a da Cameron e a do Brady são amigas do peito desde a faculdade e, antes mesmo de se casarem com os nossos pais, compraram uma casa de praia, juntas. Com o passar dos anos, o casamento e os filhos que se seguiram, mantiveram aquela casa como um lugar onde regressavam sempre. Depois, quando éramos jovens, houve uma queda no mercado imobiliário e todos os pais tiveram a sorte de conseguir casas de veraneio ao longo da praia. Desde então, é aqui que as nossas famílias passam as férias escolares. Nunca percebemos porquê, mas não venderam a casa original, e é essa a casa em que estamos prestes a entrar. Contudo, não se parece nada com o sítio que vimos em criança.

Mandaram-na esventrar, demoliram partes e não só a reconstruíram, como também a aumentaram. Foi completamente renovada.

Pintado de azul-costeiro, o recinto é enorme. Tem um vasto pátio envolvente, que leva a um enorme terraço nas traseiras, aquele em que nos encontramos, e um caminho privado, que conduz a uma bonita doca rodeada de papoilas da Califórnia. Possui inclusivamente um sistema de som completo com altifalantes embutidos nos cantos das paredes, no pátio e nos painéis de madeira a cada poucas dezenas de metros. Não há um único ponto dentro ou à volta do local onde a música não chegue. Situado no lado oposto da faixa de condomínios, é mais isolado, por isso o som não incomoda aqueles que desejam ter umas férias descansadas.

É o refúgio perfeito, um palácio sobre a água.

E foi-nos dado de mão beijada.

A *todos* os cinco.

Os nossos pais surpreenderam-nos na festa de formatura, entregando-nos uma escritura do lugar, com os nossos nomes na qualidade de coproprietários. Disseram que decidiram há um ror de anos fazer isso por nós, a fim de manter o bando unido, independentemente do rumo que seguíssemos depois da faculdade. No fundo, à semelhança do que a casa fez por eles.

Dividir a casa equitativamente entre nós significa que ninguém pode decidir vendê-la sem os outros, e, se a vida nos levar para longe, teremos sempre este sítio para onde voltar em qualquer altura.

Dizer que estávamos entusiasmados é um eufemismo. No entanto, falo por mim, também aumentou o sentimento de pavor. Foi algo deprimente, para ser sincera. Não sou ingénua ao ponto de pensar que as nossas vidas se manteriam iguais, só nós os cinco para sempre, mas é um tudo-nada assustador considerar a alternativa.

Novas pessoas vão entrar nas nossas vidas, sei disso.

Algumas para melhor, outras, para pior.

Mas o que acontecerá se um dos nossos mundos se virar de pernas para o ar?

E se nos afogarmos com a viragem?

Se nos perdermos pelo caminho, quem estará lá para nos orientar?

Talvez isto seja um pouco dramático, mas é uma possibilidade real. Uma possibilidade de merda.

Daqui a menos de um mês, o futuro começa.

O meu irmão e os rapazes vão frequentar a Universidade de Avix, que marca o início oficial das suas carreiras no futebol universitário, e

eu e a Cam vamos para casa fazer as malas, preparando-nos para nos encontrarmos com eles no *campus* uns dias antes da orientação.

Sair de casa tornou-se realidade.

Será a primeira vez que o meu irmão não estará a uma porta de distância. Embora seja um tanto assustador, também é fantástico que a casa do futebol fique do lado oposto ao meu dormitório e da Cam. Significa que o Mason não vai controlar-nos com tanta frequência. Só por isso já vai valer a pena celebrar o dia da mudança.

Confesso que adoro o meu irmão, mas... caramba. Há alturas em que é bomvê-lo pelas costas. Tem sorte de eu não ter escolhido uma faculdade na outra ponta do país.

Ao mesmo tempo, sabe que eu não faria uma coisa dessas. Não me dou bem sem a família por perto. Alguns podem chamar a isso ser codependente. Chamo-lhe simplesmente coisa de gémeos.

— Com que então, concordamos com a escolha dos quartos, certo?
— O Mason quebra o silêncio. — As raparigas no andar de cima com a casa de banho conjunta, deixamos o quarto de hóspedes em paz, e nós no andar de baixo. Confirmam?

— A mãe decorou os nossos quartos quando veio ver a Payton e abasteceu o frigorífico na semana passada, por isso...

— Não se aceitam devoluções! — interrompe-me a Cam com um sorriso.

Os rapazes riem-se, e depois o Mason respira fundo, tirando a chave do bolso.

— Sem devoluções. — Sorri de orelha a orelha. — Estamos prontos para uma recriação? Sem pais, sem regras.

— Desta vez, ninguém saiu com menos de dezoito anos. — O Brady empurra-me a mim e ao Mason a brincar, uma vez que eu, o Brady e o Mason atingimos a maioridade há três dias.

— Oh, merda — brinca a minha amiga do peito. — Agora é que vai ser a sério.

Quem me dera ter sabido, na altura, até que ponto a afirmação da Cameron se revelaria verdadeira, mas não fazia a mínima ideia.